

## **Revista Carta Fundamental** Edição de dezembro de 2009

Lívia Perozim

### Histórias que todo mundo entende

*O escritor e ilustrador Ricardo Azevedo explica por que a cultura popular é praticada sem distinção, de idade ou escolaridade, e suas narrativas são vitais para formar leitores*

Todo mundo conhece uma história que sabe que foi inventada, mas que, de alguma forma, gerou algum tipo de identificação com o que sentimos ou pensamos. Ricardo Azevedo, autor de mais de cem livros para crianças e jovens e ganhador de quatro prêmios Jabuti, passou metade dos seus 60 anos pesquisando, sistematicamente, histórias desse tipo, que fazem da cultura popular brasileira um verdadeiro tesouro. Além de garimpar narrativas tradicionais que vieram de longe e foram contadas durante gerações, ele também é autor, na maioria das vezes, dos desenhos de seus livros. No momento, acaba de produzir um livro sobre a cultura do Vale do Paraíba, região da parte leste de São Paulo, origem de sua família. Nesta entrevista, Azevedo conta como faz seu trabalho de releitura e explica seu interesse pelos contos populares que, pela eficácia de sua linguagem e complexidade de seus temas sempre vinculados à vida concreta do homem, podem ser uma porta mágica para entrar na Literatura e formar leitores.

**Carta Fundamental:** Você pesquisa há 30 anos contos populares. Como é feito seu trabalho de releitura de histórias?

**Ricardo Azevedo:** Primeiro, acho importante contar que resolvi fazer essa pesquisa em parte porque o material popular sempre me interessou, mas também porque queria entender melhor como funciona uma linguagem acessível. Temos aí um paradoxo: enquanto muitos textos eruditos tratam de assuntos banais por meio de um discurso complexo, os contos populares costumam tratar de assuntos complexos numa linguagem que qualquer pessoa entende. Voltando à sua pergunta, trabalho da seguinte forma: escolho um conto que acho bacana, tento achar o máximo possível de versões dessa história. Por isso, recorro muito às bibliotecas. Às vezes, surgem 12 versões diferentes nas obras de Câmara Cascudo, Ruth Guimarães, Lindolfo Gomes, Aloísio de Almeida etc. Embora diferentes são, no fundo, a mesma história. Tento entendê-las e anoto as partes convergentes e as divergentes. A partir desse material, crio a minha versão.

**CF:** Já deu conta de entender a “linguagem acessível” da narrativa popular?

**RA:** Meu doutorado, que deverá ser publicado pela Edusp, é um estudo sobre letras de samba. Uma tentativa de entender o discurso popular. Uma coisa posso dizer. Estou falando com você face a face. Posso escrever, imaginando que estou falando com alguém nessa situação. Se imagino isso, vou obedecer a determinadas regras. Não posso, por exemplo, ser prolixo, usar imagens complicadas ou manipular a sintaxe de forma pouco usual. Creio que quem faz uma letra de samba, escreve como quem está

falando para alguém que está ouvindo num contato face a face. Já o escritor “erudito” ou “escolarizado” escreve para quem vai ler. Isso pressupõe outros recursos, a releitura, as abstrações, a possibilidade de análise etc. Para um escritor, ter consciência dessas duas posturas pode ser ótimo. Não estou dizendo que uma forma é melhor do que a outra. Apenas que é interessante saber que há essa diferença.

**CF:** É comum confundir conto popular com “causo” e lenda. Quais são as principais características de uma narrativa popular?

**RA:** O conto popular em geral tem um aspecto “maravilhoso”. É assumidamente de ficção. O chamado “causo”, é uma coisa que pretensamente ocorreu um dia. O sujeito diz: “Certo fulano foi no mato e encontrou tal coisa”. Em tese, é uma história verdadeira. A lenda é como se fosse um caso que teria acontecido há muito tempo. Tanto a lenda quanto o “causo” não se colocam como ficção, pretendem contar algo que teria ocorrido de fato. Ao passo que o conto de trancoso, como é chamado no Nordeste o conto de encantamento, é aquela história que o ouvinte sabe que é inventada. Por isso, suas princesas, castelos, dragões e vãos mágicos.

**CF:** As histórias são ficcionais, mas os temas tratam da vida real?

**RA:** Conto sempre uma história para exemplificar isso: “Era uma vez uma princesa muito bonita, que não queria se casar. Seu pai diz que precisa de herdeiros e manda fazer um concurso: o príncipe que trouxer a prenda mais bonita se casará com sua filha. Vários pretendentes aparecem. Um deles traz um espelho que fala. Ela pergunta: “Quem é a moça mais bonita desse reino?”. O espelho responde: “É você”. E a princesa se casa com este príncipe. Passados alguns anos, ela tem uma filha. A menina cresce e o espelho diz: “Agora a mais bonita é a sua filha”. E o que acontece? Ela manda matar a filha! Trata-se do seguinte: através da ficção somos levados a meditar a respeito de temas da vida concreta. No caso, a luta do velho contra o novo. Um tema humano, arcaico, verdadeiro e fundamental.

**CF:** O fato de o artista popular tratar de temas que geram uma identificação na maioria das pessoas é um atrativo para as crianças?

**RA:** Ocorre que a escola é muito voltada à um conhecimento técnico e costuma ignorar outros modelos culturais. Em um País que tem 70% de pessoas semi-analfabetas, milhares de brasileiros estão mergulhados na cultura popular. Quando uma criança filha de analfabetos chega à escola, é levada a pensar que seu pai e sua mãe não sabem nada afinal não sabem Língua Portuguesa, Geografia, História etc. Ora, eles têm toda uma cultura popular, riquíssima! O pior, essa criança pode passar a desprezar os próprios pais. Por outro lado, o conteúdo ensinado na escola é composto de princípios abstratos, informações impessoais e técnicas. Os temas da vida concreta não fazem parte do currículo. Talvez o desinteresse da maioria dos estudantes seja ligado a isso. Creio que a escola deveria estar muito mais atenta a questões como essas.

**CF:** A poesia popular poderia servir de ponto de partida para os estudos de textos literários?

**RA:** A música popular pode ser uma introdução excelente para meditar sobre os

discursos. Se pegarmos a música popular “escolarizada”, ou seja, feita por autores como Caetano Veloso, Chico Buarque e tantos outros, veremos que eles tendem a fazer um determinado tipo de letra. Mas há outros compositores, enraizados na cultura popular oral e mais afastados do conhecimento escolarizado. Penso em Dorival Caymmi, Wilson Batista, Nelson Cavaquinho, Zé Kéti e muitos outros. O que eu proponho é que a escola ouça esses dois grupos e tente distinguir os diferentes recursos utilizados nas letras. Compare “Eu tenho uma casinha lá na Marambaia/ fica na beira da praia/ só vendo que beleza” com “Eu quis cantar/minha canção iluminada de Sol/soltei os panos sobre os mastros no ar/soltei os tigres e os leões nos quintais”. E, num terceiro momento, vá para o Carlos Drummond de Andrade. O aluno vai notar que às vezes, ele faz um poema que se aproxima da poesia popular, por exemplo, “O caso do vestido”. Em muitos outros momentos, não. Seria divertido e fácil. Até os professores iriam adorar fazer essas comparações.

**CF:** A questão da oralidade é pouco explorada?

**RA:** A oralidade é uma característica fortíssima de todas as culturas populares. Elas se organizam espontaneamente e são transmitidas de boca em boca. Mas acho que existem graus de popularidade. Há manifestações populares especializadas, que exigem conhecimentos específicos: jongo ou capoeira, por exemplo. Depois, um grau mais amplo. As letras de samba costumam estar nesse patamar. Ele, basicamente, representa a vida e o imaginário dos pobres. Temos ainda um terceiro grau, onde todo mundo participa e que pode ser representado pelo “Parabéns para vocês, nesta data querida...”, ou por expressões como “tá legal”, “grana” e tantas outras.

**CF:** As adivinhas poderiam ser uma iniciação à linguagem poética?

**RA:** Sem dúvida. As adivinhas são, na verdade, metáforas e metonímias. Elas dizem uma coisa mas querem dizer outra. É uma brincadeira tradicional que fascina crianças e adultos. Quando você faz um estudo da cultura popular, percebe que ela é praticada por todos. No contexto popular, a ideia de faixas etárias não é tão importante. Em uma escola de samba, por exemplo, todo mundo participa, trabalha e usufrui.

**CF:** Os universos infantil e adulto não deveriam ser separados?

**RA:** Creio que as semelhanças entre adultos e crianças são mil vezes mais relevantes do que as diferenças. Todos temos que enfrentar a passagem do tempo, ficamos apaixonados, preferimos o conforto, temos um corpo, sonhamos etc. Parto desse princípio para criar meus textos. A divisão de pessoas em faixas de idade é apenas uma abstração que mais afasta do que cria identificação entre as pessoas. Neste sentido, ela desumaniza.

**CF:** Você tem retorno dos seus leitores?

**RA:** Sim e dou um exemplo das marcas da escola na leitura da poesia . Uma leitora me mandou um e-mail. Ela leu meu poema “Quem vem lá boiando no rio” que traz uma lista caótica de coisas, algo meio surrealista. A garota queria saber qual a mensagem. Ou seja, ela leu meu texto como um texto didático que tem uma leitura unívoca. Inverti a pergunta: “Eu é que quero saber a impressão e o sentimento que o texto causou em

você”. Infelizmente, não poucas vezes, a escola confunde textos técnicos e utilitários com textos de ficção. Estes como sabemos, podem agregar várias possibilidades de leitura e isso é uma riqueza pois a interpretação é algo que sai de dentro da gente.

**CF:** Essa possibilidade maior que caracteriza a literatura é deixada de lado?

**RA:** É difícil meter isso na cabeça das pessoas porque somos formados para ser técnicos. A escola é uma representação da sociedade que aí está, que é de consumo. Daí as faixas etárias serem tão importantes: elas determinam fatias de mercado. Sinto que estamos virando peças de uma imensa engrenagem social. A gente trabalha, vê os anúncios, vai ao shopping, compra coisas e dorme. Este hoje seria o perfil do cidadão ideal. Acontece que somos seres humanos, temos emoções, dúvidas e conflitos. Além disso, vivemos em sociedade e temos responsabilidades para com ela. Eu sinto uma desumanização no ar. Tanto adultos e crianças estão infelizes e se sentem inadequados em uma sociedade assim.

**CF:** As narrativas populares são pontos de partida para a formação de leitores?

**RA:** Muitos jovens acham que os livros só têm lições a dar. Aqueles que descobrem que há os que tratam de temas humanos concretos, sem pretender ensinar mas sim especular de forma subjetiva, acho que têm tudo para se tornarem leitores. Infelizmente, a escola reduz um poema numa série de exercícios e a fruição da poesia se perde. Os livros didáticos têm um lugar importante, mas limitado. Eles não formam leitores. No entanto, num ambiente técnico, são hiper valorizados. Já ouvi de muitas escolas que os pais reclamam quando são adotados livros de ficção porque acham que não servem para nada. Mal sabem que esses livros tratam de questões humanas cruciais capazes de fazer o leitor se conhecer melhor e de criar um sentimento de identificação entre todas as pessoas, independentemente de faixas de idade.